

LITERATURA INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA (DE) FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Gisele Ferreira Amorim¹

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Alcideir Batista Soares²

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Resumo: A temática do presente estudo versa sobre a Literatura Infantil e suas implicações na (de) formação da criança por meio das histórias contadas, surgindo como reflexão, uma vez que a Literatura Infantil é contributiva na aquisição do conhecimento permitindo com que a criança abstraía os subsídios educativos. Buscou compreender a Literatura Infantil e sua interferência nesse processo de (de) formação, logo, procurou o entendimento da possibilidade em formar futuros sujeitos capazes de aceitar e respeitar a diversidade humana e não deformar inculcando valores e crenças discriminatórias dominante. Tal investigação teve como cenário pesquisado um Centro de Educação Infantil – CEI, localizado no Município de Bom Jesus da Lapa-BA, estando alicerçado em pesquisa qualitativa e estudo de campo, bem como na utilização de instrumentos para a coleta dos dados, como a observação, entrevista, além da interpretação das informações. Contudo, segue em direção da constatação da importância da intervenção do Professor quanto ao trabalho com a Literatura Infantil em sala de aula, tanto para (de) formar o conceito sociocultural da criança em seu devir.

Palavras chave: (De) Formação. Intervenção Docente. Literatura Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Aborda-se nesse estudo a temática referente a Literatura Infantil e suas implicações na (de) formação da criança, pois, com base em Amaral (1971) é preciso ter a preocupação para não (de) formar a criança em sua formação, tendo em vista a incumbência por parte dos adultos em formar suas aspirações, personalidade, além de dar uma definição de perfeição que a seguirá por muito tempo.

¹ Professora do Curso de Pedagogia/ Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Brasil - Campus XVII/ Bom Jesus da Lapa. E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia pelo Campus XVII da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Brasil. E-mail: alcideirsoares@hotmail.com

Diante do exposto, as discussões acerca dos benefícios da Literatura Infantil na formação da criança na Educação, têm sido profícuas, contudo as complexidades dos processos de desenvolvimento deixam muitas lacunas que a educadora/educador ainda não desvelou e mesmo tendo desvelado, teve-se o desejo e a necessidade em conhecer. Nesse sentido, partiu-se do seguinte questionamento: A Literatura Infantil interfere no processo (de) formação da criança?

A discussão de que a professora/professor enquanto profissional da educação pode e deve buscar obras literárias pedagógicas com temáticas pluralizadas no cotidiano da sala de aula, torna-se cada vez mais importante no processo educacional, pois, compõe o rol de obras literárias que favorece não somente ao desenvolvimento do conhecimento científico quanto a sublimação da desigualdade social, desigualdade de gênero, desigualdade racial dentre outras, junto às crianças.

De acordo os aspectos acima mencionados, Oliveira (2010) aponta que a escolha destas temáticas literárias precisam ser verificadas pelo Professor de maneira consciente, prevalecendo a intencionalidade em prol da aprendizagem e que ainda seja condizente com a realidade da criança, aproximando-as desses temas que, por sua vez, são ricos e cheios de diversos significados.

A atual pesquisa auxiliará futuros profissionais da Educação/Pedagogia, em sua vida acadêmica, que pretendem trabalhar na área da Educação Infantil, podendo ampliar e aperfeiçoar o trabalho didático pedagógico com as crianças, visto que trata-se da constituição do sujeito em período escolar, por meio da dinamização literária bem como, do ensino mediatizados por livros literários, contos, narrativas e etc. Contribuindo, de acordo com Bettelheim (1980) para o desenvolvimento e processo formativo da criança a partir dos fatores proeminentes da literatura infantil que possibilita várias maneiras de estimular o crescimento integral da criança. Já que, a literatura infantil admite à criança um aprendizado com base ao significado dado por elas aos contos e fábulas.

E com a finalidade de um entendimento mais detalhado, este trabalho apresenta-se os elementos estruturantes metodológico, tais como: o objeto de estudo, o tipo de abordagem que constitui-se em qualitativa com estudo de campo, o cenário da pesquisa, os instrumentos de coleta dos dados, ou seja, a entrevista semiestruturada e observação, os interlocutores que contribuíram para o desvelamento do problema investigado, bem como a análise e triangulação dos dados pesquisados.

Será apresentado o referencial teórico com base em vários autores que dentre os quais pode-se mencionar: Lajolo, Zilberman (1984) Bettelheim (1980) Zilberman (1998) Martins, Gomes (2010) Sousa (2017).

Por fim será apresentada as considerações finais, de uma perspectiva de ensino com a inserção constante da Literatura Infantil com temáticas diversas, em que as crianças sintam-se representadas por meio das personagens das histórias.

2 O PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil teve sua caminhada histórica constituída na Tradição oral popular tal como a oralidade de histórias maravilhosas, a exemplo das fábulas que por sua vez, foram apontadas inicialmente aos adultos, pois, em conformidade com Amaral (1971, p.30-31) a fábula “pode ser descrita como um conto ‘alegórico’, destinado a exemplificar um conceito moral”. Tal gênero teve origem europeia muito anteriormente ao surgimento de Esopo, a autora assim esclarece dizendo que “[...] teve sempre este conceito moralizador. Tem duas linhas: a literária e a popular. A primeira foi transmitida por escritores e a segunda pela tradição oral”.

A tradição oral na arte de contar histórias segundo Amaral (1971, p.31) era muito difundida nesse período datado do Século V a.C., em que tais histórias não eram registradas graficamente, desse modo, sua difusão acontecia oralmente de geração em geração através do povo. Tal período em que as fábulas eram também chamadas de ‘Bestiários’³ permanecia cheio de contos com histórias de elementos naturais e moralizantes. Assim, Esopo um escravo da já mencionada época surgiu com fábulas próprias, pois, era um homem cheio de atributos que o qualificavam como sendo bastante sábio, com pensamento imaginativo e produtivo, além de ser considerado muito esperto, visto que, isso refletia-se em sua obra revestida de sátira.

E, Cademartori (2010) expõem que no Século XVII, o francês Charles Perrault ao ouvir várias histórias da cultura popular passa a produzir contos com estilos moralizantes e pedagógicos, tendo “Chapeuzinho Vermelho” como um dos exemplos. E os alemães Irmãos Grimm na segunda metade do século XIX, autores de “João e Maria” recolhiam muitos contos populares narrados oralmente, além de Christian Andersen com “O patinho Feio”, Lewis

³ “Seleção de história natural moralizadas”.

Carroll “Alice no país das maravilhas”. Estes contos de fadas estão entre os mais conhecidos mundialmente e destacam-se como gênero da literatura infantil.

E no Brasil, também mediante a tradição oral as histórias folclóricas eram contadas por mulheres escravas e amas de leite, conforme Freyre, (1950) apud Amaral (1971, p.26), revelamos em sua obra “Casa grande e Senzala”, que “[...] estas negras contadeiras de histórias andavam em Pernambuco, de engenho em engenho, contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos”.

Lajolo e Zilberman (1984) explicam que a intensa ação de progresso das cidades no período republicano do nosso país entre os Séculos XIX e XX, potencializaram a valorização da instrução escolar e da produção de livros. Pois até então, existiam apenas produções adaptadas da literatura europeia, a exemplo de: ‘Robson Crusóé’ (1985); ‘Contos seletos das mil e umas noites’ (1882) tal como outras obras, entre as quais eram editadas em Portugal possuindo linguagem muito afastada da língua original da população brasileira, pois, aí encontra-se um dos motivos de várias reivindicações de educadores e especialistas da época por textos literários mais próximos da realidade do nosso povo.

Logo após, ainda segundo as mesmas autoras citadas acima, surgem produções nacionais como: “Através do Brasil”, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, além das obras de José Renato Monteiro Lobato: “Reinações de Narizinho” (1931), “Sítio do Pica-Pau Amarelo” (1939), considerado o precursor da literatura infantil brasileira contribuindo para uma nova literatura com características renovadas, bem como para o surgimento de novas perspectivas e imaginário literal. Contudo, cabe aqui ponderar que contextualizando para os dias atuais, em algumas escolas, no seio familiar brasileiro e outros espaços formativos notadamente, ainda faz-se necessário a adaptação das obras de cunho eurocêntrico em nossa sociedade, entretanto, não mais no campo linguístico como no texto acima sinalizado, mas, no campo da diversidade, exprimindo de fato nosso real contexto sociocultural.

3 POR UMA DIVERSIDADE NAS NARRATIVAS INFANTIS

Apesar de alguns avanços no âmbito educativo a exemplo da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 que regulamenta o ensino educacional brasileiro, como também dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em que ampliam conceitos escolares a serem apreendidos pelo sujeito. Ainda é comum não encontrar

em algumas escolas do nosso país uma Literatura Infantil que aborde em seus livros, Igualdade de Gênero, Sexualidade, Homofobia, Diversidade, Diferença, dentre outros temas. Ainda existe o prevailecimento de uma ideologia hegemônica dominante que impõe um viés discriminatório, buscando padronizar comportamentos e valores morais nas crianças ainda em formação.

[...] há uma tentativa da escola de, por meio da filtragem recorrente dos textos, cercear a consciência crítica das crianças. O ato de ler, nestas circunstâncias, é considerado perigoso, porque, além da fruição do texto, o pequeno leitor adquire o conhecimento sobre a realidade, o poder de conhecer o real por meio do imaginário. (MARTINS, GOMES, 2010, P.51)

Nesse contexto, percebe-se o quanto é receoso o trabalho com temáticas que abrangem diversidade e diferença em algumas instituições, e talvez por isso dando prioridade as narrativas já padronizadas.

Desse modo, pode-se pensar que os livros infantis que abordam a diversidade humana exercem tamanha influência sobre a criança, tanto positiva no sentido de formar identidades, leitoras/leitores, criticidade perante o texto lido e etc., quanto negativa como a fixação do preconceito sociocultural inculcado pela classe dominante, a alteridade face ao diferente, a negação à própria composição sócio histórica, constituindo assim indivíduos alienados futuramente. Pois, em muitas obras infantis encontram-se a concepção de diferença sendo banalizada como elucidam os autores abaixo:

[...] Os personagens ilustrados nas histórias são retratados em sua maioria por crianças de cor branca, do sexo feminino e natureza humana e são personagens que carregam o estereótipo de herói que, diante das adversidades provocadas em tese pelas diferenças, encontram forças para superar as situações e os conflitos que porventura enfrentam. Permeadas pela ideologia dos méritos, o personagem herói pelos seus esforços supera as diferenças e as dificuldades encontradas. (BUENDGENS, CARVALHO, 2016, p.606)

Incumbe-se cogitar que a literatura deve ter a responsabilidade da quebra dessas visões de preconceito que de certo modo inviabilizam o processo formativo, devendo ser composto de aceitação ao próximo diante de sua particularidade.

A valorização da literatura local e regional faz-se importante na perspectiva de afirmar-se culturalmente e identificar-se com o contexto literário descrito, pois neste caso especialmente caberia às escolas municipais e estaduais o trabalho literário de maneira frequente em relação a literatura infanto juvenil baiana. De acordo com Rios (2012) a literatura infanto-juvenil baiana infelizmente teve pouca notoriedade no cenário literário e sua produção em 1969, com o livro “O sobradinho dos pardais” de Herberto Sales, ganha

expansão nacionalmente além de em 1970, Adonias Filho e Jorge Amado também destacaram-se na produção de suas obras voltadas para o público infantil.

Ressalta-se que a literatura regional aproxima-nos do ambiente, do espaço, da nossa gente, além da cultura dentre outros elementos característicos que compõem nossas narrativas, ou seja, possibilita uma familiaridade histórica fomentando a auto afirmação cultural. Do mesmo modo a literatura local também promove sua contribuição nesse sentido, a exemplo de obras infantis locais temos “A Serpente Emplumada e a onça”, fábula da Pedagoga alfabetizadora da cidade baiana de Bom Jesus da Lapa Cláudia Batista da Silva. A referida fábula possibilita que as crianças Lapenses conheçam a partir de sua leitura, elementos físicos, geográficos e históricos característicos, além da lenda mitológica que constituem a história da origem da cidade.

Porque é sabido que a imersão em nossa própria cultura e história, auxilia na construção de conceitos que sustentam nossa autenticidade humana e nos fazem capazes de desenvolver princípios que nos possibilitam valorizar o que de fato nos pertence culturalmente. Essa aproximação da criança com a literatura local é mais um dos papéis a ser realizado pela escola e suas educadoras/educadores, pois trata-se de um enorme ofício de cunho social para com a educação infantil, para tanto, deve-se suscitar a naturalização do olhar da criança para as diferentes relações sociais.

4 LITERATURA INFANTIL ÉTNICO-RACIAL AFRO-BRASILEIRA

É relevante a politização de assuntos correlacionados a diversidade étnico-racial nas escolas, conforme previsto na Lei 10.639/03 que proclama à obrigatoriedade do ensino de disciplinas de História e de Cultura Afro- Brasileira, o qual esclarece o autor abaixo citado:

Essa lei determina a obrigatoriedade do ensino de História da África em todo currículo escolar, o que proporciona uma grande mudança, uma vez que as crianças podem conhecer personagens negros e passar a ter outra visão no que se refere à importância e a contribuição de um povo que muito colaborou para formação social brasileira, além de desmistificar um futuro com menos preconceitos. (SOUSA, 2017, P.848)

É importante avaliar que a partir da lei em foco, as crianças poderão ser inseridas no mundo da cultura Afro-brasileira, assim também como seus elementos culturais de influência africana, ou seja, a língua, a culinária, a musicalidade, os trajes modistas, vestimentas, utensílios, além de acessórios de beleza dentre outros, que foram herdados pelo povo

brasileiro da cultura africana. E a Literatura infantil étnico-racial proporciona esse elo de conhecimento, permitindo com que as crianças não somente conheçam a nossa raiz cultural como também se identifiquem e sintam-se representados pelas personagens negras inseridas nos textos trabalhados em sala de aula. Pois, por muito tempo tais textos e contos estigmatizaram a negra/negro dentro das histórias, reduzindo-lhe apenas como sujeito intelectualmente desfavorecido, submisso a seu opressor, ou seja, sem lugar de grandes destaques e com bastante desprestígio.

O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal [...] Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na nação e, por consequência, coadjuvante na vida...Se é mulher, é cozinheira ou lavadeira, [...] Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas...Altivos e elegantes??nunquina... (ABRAMOVICH, 1997, P.99-100)

Como pode inferir-se, a figura da negra/negro é ridicularizada e discriminada em algumas histórias clássicas infantis como cita a autora acima, porque tais histórias disseminavam padrões de beleza exclusivamente branca, fixação de pensamento de pré-conceitos e julgamento de valor e ainda assim o fazem. Além disso, as crianças negras não tinham nenhuma representatividade social na literatura infantil com relação as personagens, conseqüentemente sofriam como ainda sofrem imposição midiática e social através da conceituação da negação cultural e racial.

Muitas narrativas estigmatizam negativamente a personagem negra/negro de maneira estereotipada, como já foi citado logo acima, permitindo com que muitas crianças também negras não se sintam à vontade para assemelhar-se a ela/ele. Pois, de acordo com Perez, Marinheiro, Moura (2012) o gênero da narrativa infantil, ou seja, os contos de fadas, histórias clássicas da literatura para crianças, tem sua importância na formação das mesmas, os autores clarificam que não cabe a esse discurso desvalorizar a relevância literária desses contos clássicos. Todavia, esses contos a exemplo dos mais conhecidos como “A branca de Neve”, “Rapunzel”, “Cinderela” dentre outros, transmitem valores morais, maniqueísmo de bem e mal, características da Europa, enfim, paradigmas humano e social que fixam na imaginação das crianças como sendo o ideal de perfeição.

Todavia, depois de muitas demandas e lutas por representatividade cultural do povo negro no cenário educacional brasileiro, é que hoje já são presentes nas salas de leituras como também das bibliotecas de algumas instituições escolares do País, muitas edições e publicações de livros e contos relacionados à identidade étnica como dentre várias estão:

“Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado (2005); “Minha mãe é negra sim!” Patrícia Santana (2008); “Cabelo de Lelé” Valéria Belém (2012).

De certo, a Literatura Infantil Afro-brasileira tem sua importância no tocante ao processo formativo de autoafirmação de identidade da criança negra em sala de aula, o trabalho pedagógico com temáticas étnico-raciais nas escolas brasileiras possibilita que alunas/alunos em geral enxerguem a colaboração sócio histórica de culturas étnicas na constituição da nossa sociedade, e desse modo minimize preconceitos, racismo e segregação racial dentro e fora da escola.

5 MÉTODO

Para a tessitura neste capítulo serão apresentados os elementos estruturantes desse trabalho, tais como: o objeto de estudo, o tipo de abordagem, o cenário da pesquisa, os procedimentos, instrumentos de coleta dos dados, os sujeitos que contribuíram para o desvelamento do problema investigado, bem como a análise dos dados pesquisados.

Assim, para a realização do presente estudo em que Gil (2010, P.1) define pesquisa como sendo “Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas, que são propostos. [...] é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos e técnicas de investigação científica”.

Por isso, se faz necessário para a execução desta pesquisa além de outros passos, escolher e definir caminhos, para que o pesquisador possa nortear o estudo do objeto a ser investigado. Então, pautando-se em estudo de campo com abordagem qualitativa, existiu aqui, a necessidade em compreender determinado fenômeno e sua origem, sobretudo no meio em que vivemos.

Diante disso, o ideal para a realização dessa pesquisa foi a abordagem qualitativa em educação, que trata da descrição de fenômenos investigados, pois, em conformidade com Biklen, Bogdan (1994) as características dessa investigação dizem que o ambiente natural é a fonte direta de dados, ou seja, no mundo vivido o pesquisador utiliza-se de diversos equipamentos na coleta de dados, porém, ele é o instrumento primordial para a pesquisa, pois é necessário seu contato direto com o objeto. Trata-se também de uma pesquisa descritiva, em palavras e não em números, de transcrições de vídeos, notas de campo, entrevistas, dentre outros.

O cenário pesquisado foi um Centro de Educação Infantil – CEI Recanto dos Aprendizes localizado no bairro Gruta dos Romeiros no Município de Bom Jesus da Lapa-BA. Vale ressaltar que os nomes da instituição e endereço mencionados são fictícios a fim de velar pela privacidade do local pesquisado.

É importante esclarecer que para a efetivação desta investigação foi necessário entrevistar interlocutores como a Coordenadora que é graduada em Pedagogia pela UNEB-Campus-XVII, atua há 3 anos e meio na Educação Infantil e 03 Professoras. A primeira com formação em Pedagogia UNEB-Campus XVII com 17 anos de serviço e há 4 anos na Educação Infantil; a segunda com curso superior pela FTC e 25 anos na Educação Infantil; e a terceira, por sua vez, também graduada em Pedagogia pela UNISA e há 23 anos na Educação Infantil. Além de observar 53 alunos de 4 a 5 anos do 1º Período da Educação Infantil (equivalentes a duas turmas) matriculados às aulas.

Os instrumentos utilizados têm a importante intenção de coletar dados e informações. Portanto, nesta pesquisa os instrumentos adotados foram a observação em que gerou um Diário de campo, sendo necessário realizar a entrevista semiestruturada para a complementação de tal investigação.

5.1 Observação

A observação é uma técnica de coleta de dados que possibilita a pesquisadora/pesquisador presenciar o fato no momento em que acontece, é também uma forma de ter contato com a realidade investigada. A observação aqui escolhida foi não participante, observando a prática docente no trabalho com a Literatura Infantil em sala de aula, como também a reação das crianças ao se depararem com histórias literárias de temáticas não convencionais, utilizou-se o Diário de campo com o objetivo de colher o maior número de informações possíveis, em que, Marconi e Lakatos (2011, p.27) grifa que a observação “[..] Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Por conseguinte, não é apenas ver e ouvir por si só, a observação também implica maior proximidade ao objeto e sua realidade.

5.2 Entrevista semiestruturada

Teve-se o propósito de entrevistar 03 Professoras e Coordenadora do CEI, já que é sabido que a entrevista semiestruturada é extremamente importante no processo de recolha de

dados, para Marconi e Lakatos (2011, p. 80) “a entrevista trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado”.

É durante a entrevista que a investigadora/investigador, de uma maneira mais livre, interage com a entrevistada/entrevistado, por isso denomina-se semiestruturada já que ele tem a liberdade de direcionar todo o processo investigativo.

5.3 Análise dos dados

A interpretação dos elementos informativos na pesquisa é necessariamente importante durante a análise dos dados como esclarece Pádua (2012, p. 81): “Após a coleta dos dados julgados pertinentes e relevantes, inicia-se o processo de análise, classificação e interpretação das informações coletadas”. É bastante relevante a organização de todas as informações recolhidas no ambiente em que o fenômeno acontece.

A interpretação dos dados recolhidos durante a pesquisa exige algumas técnicas, de associação entre resultados provenientes da investigação do objeto e ideias de teóricos que foram frutos de estudos bem sucedidos contribuindo para outras investigações, e a explanação do pesquisador. E com o propósito de trabalhar os dados inicialmente organizados e recolhidos no campo investigativo é que na análise de dados é concretizado a técnica de triangulação dos dados, como descreve Triviños (1987, p.138), que a “A técnica da triangulação tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”. Sabe-se que a triangulação possibilita a pesquisadora/pesquisador descrever, explicar, além de tornar compreensível o contexto pesquisado.

6 A REPRESENTATIVIDADE A PARTIR DAS NARRATIVAS INFANTIS

Foi realizado a análise dos dados com base nas entrevistas semiestruturadas e observações não participante, com roteiros previamente definidos. As entrevistadas foram as Professoras Margarida, Rosa e Hortência, além da Coordenadora Violeta, todas com prática docente entre 3 e 25 anos de atuação com crianças do 1º período matutino e vespertino. Vale ressaltar que os nomes das Professoras mencionados são fictícios, a fim de, velar pela privacidade das Educadoras pesquisadas.

Durante a observação na turma matutina, especificamente nessa data não houve a hora do conto, porém, existiu um fato que curiosamente chamou a atenção, e sendo assim, viu-se a necessidade de interpretar tanto quanto relatar tal acontecimento.

Percebeu-se que haviam imagens de fadas negras coladas por todo o CEI, [22 alunas/alunos presentes] assim como dentro de todas as salas, em portas desejando boas vindas, cartazes de aniversário, além dos calendários. Então, uma das professoras resolve mostrar o material de Portfólio que ela mesma produziu para ser entregue as alunas/alunos ao final do ano letivo, curiosamente é que o material estava com imagens de personagens clássicos tradicionalmente conhecidos, a exemplo do “Peter Pan” e uma princesa loira de identidade indefinida, pregados a sua capa. (Nota de campo, 2018, 10:00 horas)

Assim, quando perguntado o motivo da incoerência, a professora Hortência tomando a fala de sua colega interveio explicando: “Esse é do ano passado [apontando para o portfólio], o desse ano ainda estamos confeccionando, estamos colocando na capa a imagem de fadinhas negras para contemplar a diversidade”. Frente a essa explicação perguntou-se em um outro momento, o porquê da escolha da imagem da fada de cor negra também em todo o espaço escolar? É importante sinalizar que ambas indagações surgiram durante o fato observado, entretanto, estando ausentes no roteiro de entrevistas anteriormente elaborado. Assim sendo, obteve-se os seguintes dados:

Para que a criança se reconheça em sala da aula. [Levantando-se da cadeira] Isso ocorre quando você coloca estereótipos de outras histórias e contos, ou seja, essas que já são tradicionalmente famosas, mas, podemos está fazendo essa interferência [apontando para a imagem da fada de cor negra exposta no mural da sala] colocando personagens negros, índios, para que as crianças possam se reconhecerem com aquele personagem.

Porque às vezes, você trabalha um tipo europeu, [pausa] a criança nunca vai se reconhecer com aquela princesa, ou príncipe e é importante trabalhar também porque sempre tem essa questão de referência do que é preto, as cores escuras, sempre a algo negativo, então, ela [criança] não associa como uma coisa boa.

Senão, contribui negativamente nesse sentido, se você não faz essa interferência ou mudança a criança sempre vai se sentir como inferior, achar que o papel dela é inferior ao papel do outro. Vai achar que é por cor, ou por ter o cabelo liso [pausa]. Então quando você apresenta um repertório em que ela possa se identificar, ela vai se inserindo, aceitando a sua cor e construindo sua autoestima. (HORTÊNCIA PROFESSORA, MATUTINO)

Em tese constatou-se em entrevista que o pensamento da Professora Hortência foi acertadamente condizente ao ponto de vista das estudiosas abaixo, acerca da constituição da representatividade de caráter prático a partir dos personagens da literatura infantil, bem como da instituição escolar, na oportunidade as autoras versam:

[...] que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas e de superação de estereótipos que recaem sobre certas diferenças e os sujeitos que as possuem e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. (MARTINS, GOMES, 2010, P.150)

Pode inferir-se nesse contexto que tanto quanto o pensamento da professora Hortência, uma mulher de origem negra e com ares de militância, ao afirmar de modo veemente em relação a representatividade da criança a partir dos personagens contidos nas narrativas infantis, que a criança precisa sentir-se representada perante a literatura infantil na oportunidade em que houver a inexistência da tônica em atitudes preconceituosas, e ainda no emprego de figuras estereotipadas contributivas para o auto desconhecimento infantil.

Em entrevista, por sua vez, com as Professoras Hortência, Margarida e Rosa registrou-se além disso, acerca da ideia contextual descrita e interpretada abaixo, ou seja, questões étnicas raciais na literatura infantil, no desejo em certificar-se a propósito de como trabalha-se histórias que contemplam a diversidade (igualdade de gênero, questões étnico-racial, desigualdade social, dentre outros) ou apenas os contos de fadas? E por quê? Passou-se as seguintes informações:

Sim! Porque apresenta a cultura brasileira com todas as influências da imaginação do nosso povo. [Pausa] é importante que eles [as crianças] saibam de nossas raízes. Compreendam isso, aceite, entendam também. (ROSA PROFESSORA, MATUTINO)

Usamos um amplo repertório de histórias inclusive coletâneas que contemplam a diversidade de qualquer segmento. Porque a formação da criança como um ser social que respeita o seu semelhante, é uma necessidade em nossa sociedade discriminatória e excludente. (MARGARIDA PROFESSORA, VESPERTINO)

Sim trabalhamos! Com vários contos, e sempre que necessário repetimos as histórias e contos! Porque é importante trabalhar quando as crianças começam a criticar a cor da pele ou cabelo do coleguinha, aí trabalhamos “A menina bonita do laço de fita”! (HORTÊNCIA PROFESSORA, MATUTINO)

Permitiu-se observar junto às entrevistadas, que embora todas afirmem, a presença de histórias contemplando a diversidade sendo trabalhadas pelas mesmas com suas alunas/alunos, por conseguinte, é mister notificar que durante o período observatório foi inexistente a narração de contos, mitos ou lendas africanas, afro-brasileiras ou até mesmo indígena durante a hora do conto em sala de aula.

Todavia, através de suas falas destacam-se a importância dada pelas mesmas à mediação de maneira responsável, com vistas a não desenvolver qualquer espécie de comportamento preconceituoso dentre às crianças. Uma vez que de acordo com Santana (2006) também é ofício docente manter uma postura de oposição perante atitudes discriminatórias, e, imprescindível que se faça presente e ainda favorável aos subsídios legais permitidos à criança. Sendo assim, mover-se para que seja efetivado legalmente diversas

contribuições é de sobremodo indispensável, como sabe-se, essas posturas críticas atribuídas ao Professor especialmente, em sua prática pedagógica em sala de aula, a fim de intervir nesse sentido, de modo a subverter a negação racial e identitária, já que tal atitude faz-se digna de um educador comprometido com a educação.

Diante desses dados nota-se uma discrepância nas falas das professoras quanto a ocasião de se trabalhar Literatura étnico-racial com suas alunas/alunos, ou seja, as mesmas afirmam veementemente o trabalho com diversas narrativas de ordem racial, todavia, perante a fala especialmente da Professora Hortência fica subentendido que essa temática somente é apresentada à alunas/alunos quando há a necessidade instrutiva de cerceamento conflituosos, isto é, no período em que surge algum episódio de preconceito entre as crianças em sala de aula, aí então, cogita-se utilizar a obra “Menina bonita do laço de fita” como afirmado em sua fala acima.

Mas, também coube aqui igualmente sinalizar que embora as educadoras utilizarem um amplo repertório de histórias e diversos contos dentro da perspectiva étnico-racial, como afirmado em entrevista, no entanto, conforme o dado da segunda professora, somente é contada a narrativa da Menina bonita do laço de fita, em meio a tantas outras opções dentro dessa temática, enfim, portanto, permanece notório um contrassenso pedagógico nessa prática docente.

Enfatizando acerca da relevância da instituição em propor a construção da representatividade e o rompimento de padrões excludentes. Investigou-se ainda em entrevista à Coordenadora, qual a natureza dos contos contados às crianças no referido CEI? E com qual intencionalidade? A entrevistada revela:

No planejamento são escolhidos os livros que trabalharemos na semana, que tanto pode ser para o deleite, só para ler mesmo, ou para tratar temas específicos, como: primavera, cores, higiene. Na maioria das vezes usamos livros que traz ensinamentos, que trata de valores, “Chapeuzinho Vermelho”, por exemplo, mostra que a desobediência pode nos colocar em perigo; “Pinóquio”, retrata a mentira e deixa claro que traz consequências para nossa vida; “A cigarra e a Formiga” lembram que a vida não é só diversão e deixa claro que o trabalho é necessário à vida. Lembrando que a intervenção da professora é fundamental para que as crianças cheguem ao entendimento da mensagem dessas histórias. Daí a importância da conversa na rodinha, onde questionamentos e dúvidas podem ser retirados. (VIOLETA COORDENADORA)

Em desacordo com a coordenadora violeta, Oliveira (2010) compreende que a escola infantil pouco tratar-se de temas generalizados, pois, nessa perspectiva tais temáticas são repreendidas por serem avaliadas a gerar controvérsias, restringindo debates, conversas, a

respeito das difíceis relações humanas. A autora ainda afirma, portanto, que tais temáticas que circulam cotidianamente na instituição incompete a criança em encarar o fato real.

Corsino (2010) enfatiza que a criança em sua integralidade é capaz de abrigar uma narrativa instigante, expandindo assim sua potencialidade linguística, renovando seu ponto de vista a respeito de elementos do dia a dia. A autora também clarifica que a literatura ao aventurar-se por olhares, aberturas e contextos renovados, poderá romper com ações pragmáticas, logo, consentindo a multiplicidade de entendimento.

Em conformidade com as autoras acima Cademartori (2010.p.23) contribuindo com o estudo, informa que a literatura infantil é “[...]Veículo do patrimônio cultural da humanidade, [...] se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido”.

Diante de tais argumentos e analisando a compreensão teórica das autoras, percebeu-se que existe uma tônica semelhante nos discursos das mesmas, quando tratam-se da necessidade da leitura de textos literário de maneira contextualizada, possibilitando a criança a lidar com a realidade vivida aos dias atuais. As autoras ainda enfatizam, o trabalho de uma literatura subversiva, capaz de incentivar novos olhares diante da complexidade na interação entre mulheres e homens.

Todavia, vale lembrar que a fala acima da Coordenadora Violeta é interessante, pois, versa a respeito da natureza da temática de histórias contadas na escola infantil, são temas específicos que tratam de internalizar valores e moralidade nas crianças, a exemplo da questão da obediência, aversão a mentira e a importância do trabalho, pois acontece ocasionalmente na rotina escolar, ou seja, durante a rodinha da hora do conto ocorre toda a prática de transmissão de valores, moral, construção, desconstrução conceitual positiva e/ou negativa por meio da mediação docente. Nessa direção, portanto, a coordenadora sublinhou a todo momento durante a entrevista, tal como as outras entrevistadas, sobre a fundamental importância da intervenção da educadora/educador de modo geral, pois segundo ela é imprescindível na formação da criança.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De um modo geral, pode-se averiguar diante das investigações acadêmicas aguçadas por leituras de diversos teóricos, por observações e entrevistas que no aspecto real e legal de fato, a Literatura Infantil e suas implicações na (de) formação da criança pode formar

eminentemente o crescimento e desenvolvimento integral da mesma, quanto deforma, reproduzindo nela pré-juízos e pré-conceitos sociais discriminatórios.

Procurando entender de que maneira a Literatura Infantil interfere nesse processo de (de) formação, é que surge o desejo socioeducativo bastante provocativo, no sentido também de conhecer as ações docentes em relação a apresentação às crianças de temáticas pluralizadas ou somente narrativas clássicas tal como tradicionais.

Todavia, permitiu ainda avaliar o papel da Literatura Infantil na (de) formação das pequenas/pequenos em que ora apresenta-se como arte e ora como ferramenta educativa. Identificou-se as metodologias e temáticas exercidas por meio das histórias contadas em que muitas vezes a metodologia utilizada era de modo tradicional na ausência de uma elaboração mais lúdica e/ou de recursos didáticos pedagógicos específicos, porém, no espaço pesquisado inexistiu o desinteresse docente em buscar novidades.

Constatou-se em relação as temáticas que houve preferência àquelas comumente trabalhadas buscando a doutrinação das crianças em detrimento das diversificadas que é somente apresentada às alunas/alunos quando necessário, no entanto, permitiu ainda verificar a diversidade apresentada tanto nas obras literárias tal como no espaço físico da instituição.

Esta pesquisa admitiu inferir que mesmo que com alguns avanços na Literatura Infantil, ainda vê-se a necessidade de uma quantidade maior de livros com temáticas que promovam a diversidade humana, visto que nossa Sociedade é composta por indivíduos cultural e biologicamente miscigenados, logo, seres diferentes. E desse modo, seria inviável tanto quanto injusto ser apresentado às crianças ainda em idade de formação apenas um paradigma sociocultural como verdade universal a ser seguido.

Para tanto, foi de grande relevância tal estudo uma vez que pode-se constatar o que foi dito pelas autoras/autores referente ao objeto de pesquisa. Bem como, no campo onde o fenômeno manifestava-se notou-se como os estudos realizados proporcionaram a ter conhecimento acerca desse contexto, no qual, foi essencial para refletir sobre a intervenção docente no trabalho com Literatura Infantil em sala de aula, este estudo constituiu-se de uma justaposição da realidade com a reflexão acerca do tema proposto em que auxiliará práticas futuras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARAL, Maria Lúcia. **Criança é Criança: literatura infantil e seus problemas**. Editora: Vozes-Petrópolis, RJ, 1971.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro - Paz e Terra, 1980.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. ___ In: Capítulo 2: Características da Investigação Qualitativa. Portugal: porto editora, 1994.

BRASIL, 2003. Lei nº. 10.639/03. Disponível em:
<http://educador.brasilecola.VOL.com.br/estratégias-ensino-história-cultura-afro-brasileira-africana.htm>. Acesso em 20 de Março de 2016, às 10h30 min hs.

BUENDGENS, J.; F.; CARVALHO, D.; C. **O Preconceito e as Diferenças na Literatura Infantil**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.41, n.2, p.591-612, abr./jun.2016. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/2175-623650721>. Acesso em: 11 de Setembro de 2018.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo. Brasiliense. 1985.

CORSINO, Patrícia. **Literatura na Educação Infantil: possibilidades e ampliações**. In: **Literatura: ensino fundamental – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20), 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman>. Acesso em: 11 de Setembro de 2018.

DIRETRIZES E BASES NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao>. Acesso em: 14 de Novembro de 2018, às 20h 28min hs.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro, 1950 *apud* AMARAL, Maria Lúcia. **Criança é Criança: literatura infantil e seus problemas**. Vozes-Petrópolis, RJ, 1971.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -5ª. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo, Ática, 1984.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de Pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados** - São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, A.; A.; GOMES, N.; L. **Literatura Infantil/Juvenil e Diversidade:** a produção literária atual. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20), 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman>. Acesso em: 11 de Setembro de 2018.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias.** In: **Literatura:** ensino fundamental – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20), 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman>. Acesso em: 11 de Setembro de 2018.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia e Pesquisa:** Abordagem teórico - prática. – 17ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

PERES, F.; C.; MARINHEIRO, E.; L.; MOURA, S.; M. **A Literatura Infantil na Identidade da Criança.** Pró-docência, Revista eletrônica das Licenciaturas/UEL. Edição N°. 1, Vol. 1, jan.-jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>. Acesso em: 17 de Novembro de 2018.

RIOS, Normeide da Silva. **Os Caminhos da Literatura Infanto Juvenil Baiana.** – Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Educação Infantil.** In: Ministério da educação/Secretaria da Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para a Educação das relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

SOUSA, A. V.; SOUSA, A. B. **Literatura Infantil e questões étnico-raciais:** por uma literatura afro-brasileira em sala de aula. XII SIAT, V SERPRO, ISSN: 2526-3560, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/287>. Acesso em 18 de setembro de 2018, às 00:40 hrs

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

SOBRE O (A/S) AUTOR (A/S)

Gisele Ferreira de Amorim

Especialização em Educação Especial e Inclusão Social, FACEI, Graduada em Letras e Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora da UNEB- Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA-BA; E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

Alcideir Batista Soares

Graduada em Pedagogia pelo Campus XVII da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Brasil. E-mail: alcideirsoares@hotmail.com

